Vaqueiros em seu "habitat": Sertão do Rio do Peixe, **de Vladimir Carvalho.**

PARAÍBA
FINANCIAMENTO, EIS A QUESTÃO

Marcus Vinicius de Andrade

a Virginius da Gama e Melo

De início, a primeira dúvida que se impõe a quem quiser fazer um relato sôbre cinema na Paraíba, relaciona-se ao problema central de sua existência. Apesar de alguns filmes realizados e de haver uma regular atividade crítica nos jornais e revistas, ao lado de um sólido movimento cineclubista — o que evidencia o interêsse da juventude paraibana pelo cinema e do qual saem, certamente, os futuros cineastas da terra —, será possível definir o cinema paraibano como algo bàsicamente estabelecido, com características próprias e atuação ímpar no panorama da cinematografia brasileira? Achamos que não. Tôda essa intensa atividade não supre, entretanto, a falta de um dado essencial: um sistema regular de produção, com infra-estrutura definida. Essa inexistência de um sistema regular de produção faz com que existam "filmes feitos na Paraíba", em detrimento de um "cinema paraibano".

O primeiro problema com que se defronta o jovem cineasta paraibano é o

mesmo de todos os cineastas brasileiros: financiamento. Só que, distante dos grandes centros, o paraibano vê-se também distante de órgãos como o Instituto Nacional do Cinema (INC) e a Comissão de Auxílio à Indústria Cinematográfica (CAIC), das firmas distribuidoras, dos laboratórios, etc., dos quais sòmente se aproximará depois de ter conseguido realizar (sob qualquer condição) o seu primeiro filme. Antes disso, o cineasta paraibano leva nítida desvantagem na corrida para o financiamento: os cineastas do Sul, mais próximos de tôdas as fontes produtoras e com *know-how* adquirido por seus trabalhos anteriores, no mínimo como integrantes de alguma equipe, sempre conseguem primeiro a aprovação financeira de seus projetos.

Enquanto não realiza seu primeiro filme, o cineasta paraibano não está armado para entrar na luta cinematográfica. Para realizar êsse primeiro filme, êle tem de passar pelas maiores dificuldades de produção, já que terá de arcar com o financiamento da produção, em geral um documentário em 16 mm, curta-metragem, prêto-e-branco, sonorizado.

Tais dificuldades não parecem desanimar os que procuram criar condições básicas de trabalho. Já começam a aparecer firmas de financiamento, como a Paraíba Produções Cinematográficas Ltda., a Jabre Filmes e a Cactus. E deve-se ainda ressaltar o importante trabalho de Virginius da Gama e Melo e Marcus Odilon Ribeiro Coutinho, como produtores cinematográficos, o primeiro também um dos grandes incentivadores do movimento de cinema no Estado.

Mesmo ante a falta de condições, os cineastas paraibanos partem para a sua cinematográfica "aventura capitalista" (como parece insinuar Barreto Neto em seu inacabado curta-metragem). Toma-se emprestada uma das velhas "Bell Howell" do Departamento do Filme Educativo do INC, compra-se filme virgem (16 mm) no Recife, em geral um pouco mais caro, aluga-se fotômetros, instrumentos etc... Mais um filme paraibano está sendo rodado. Geralmente, nem se consegue chegar à fase final de filmagens. Quando há algum dinheiro, o filme vem para o Rio, onde, sob os cuidados de algum amigo, entra em fase de laboratório. E as dificuldades vão se avolumando. Alguns autores perdem logo o entusiasmo e desistem. Assim, se o filme já foi revelado e positivado, dificilmente será montado. Se chegar à montagem (às vêzes feita numa velha moviola do Departamento do Filme Educativo), dificilmente será sonorizado. Por isso, o filme paraibano é, realmente, uma aventura que custa caro a seu produtor, a seu autor. Raros, que não desistem dentro de um ou dois anos, conseguem terminar seus filmes de 10 a 20 minutos de duração. Talvez seja a garra e a persistência, com que são feitos os filmes paraibanos, os maiores responsáveis pelo sucesso que êles vêm obtendo quando chegam a ser exibidos.

De Walfredo Rodrigues a Linduarte Noronha

A Paraíba parece mesmo predestinada a uma certa tendência ao movimento cinematográfico. É o que podemos concluir, vendo as experiências pioneiras de Walfredo Rodrigues. No início do século, lá pelos anos 20, Walfredo realizou um filme de longa-metragem, *Sob o Céu Nordestino*, onde captava os modos e costumes do homem da região, do sertão ao litoral. As condições

O Salário da Morte é o primeiro longo de Linduarte Noronha.

em que êsse filme foi realizado são desconhecidas. Sabemos, entretanto, que alcançou grande sucesso de público, havendo referências elogiosas numa edição da época da revista "O Cruzeiro". *Sob o Céu Nordestino,* que poderia constituir importante documento para o levantamento da vida cinematográfica brasileira, para azar dos museus e das cinematecas, perdeu-se quando de seu envio para Paris: um amigo de Walfredo, disposto a exibi-lo na França, levou-o e depois disso não se sabe mais nada dêle.

Os 40 anos que separam Walfredo Rodrigues de Linduarte Noronha separam também o diletantismo do profissionalismo cinematográfico: os filmes de Walfredo eram realizados intuitivamente, sem nenhuma consciência crítica do valor do cinema como arte. Ao realizar *Aruanda,* que foi apontado inclusive como um dos deflagradores do Cinema Nôvo, Linduarte Noronha mostrou que as tentativas de cinema na Paraíba já tomavam caráter de maior seriedade: aí já surgia a consciência do cinema enquanto profissionalismo e, também, de cinema enquanto expressão artístico-cultural — o que faltara aos experimentos de Walfredo Rodrigues.

Conhecedor dos problemas da região, Linduarte Noronha fêz de *Aruanda* um marco: é a partir de seu filme que começam a ser fixadas as bases para um documentário brasileiro. Realizado com recursos do antigo INCE, *Aruanda* deve suas virtudes ao fato de ter sido, no justo momento, um filme-análise: análise de um problema sócio-antropológico (aí o filme se realiza ao nível da linguagem) e análise enquanto filme que pensa sôbre si mesmo, realizando-se em têrmos característicos e próprios (metalinguagem: a aspereza do sertão).

Dois anos depois de *Aruanda* (1960), Linduarte Noronha realiza *Cajueiro Nordestino* (1962) que, apesar de ser um bom filme, não atinge o mesmo impacto do primeiro. Enquanto *Aruanda* propõe, *Cajueiro Nordestino* compõe. A preocupação de Linduarte foi documentar a cultura do caju sem voltar-se muito aos problemas da linguagem cinematográfica. Tanto em *Aruanda* como em *Cajueiro Nordestino,* Linduarte teve a importante colaboração de Rocker Vieira, já que muito da realização de seus filmes deveu-se ao trabalho do fotógrafo.

Linduarte Noronha terminou há pouco *Salário da Morte,* longa-metragem baseado no romance de José Bezerra Filho. Trata-se de sua primeira tentativa em ficção e longa-metragem. Êste filme foi produzido com recursos obtidos exclusivamente na Paraíba, pela firma Cactus. Tôda a equipe e os atôres de *Salário da Morte* foram escolhidos na Paraíba: a fotografia está entregue a Manuel Clemente, que já trabalhou com Ipojuca Pontes e Vladimir Carvalho. Linduarte tem pronta a adaptação de *A Bagaceira,* baseada na obra homônima de José Américo de Almeida, e aguarda financiamento para poder iniciar suas filmagens.

O Curto A Bolandeira **mostra um processo artesanal em fase de extinção.**

Em A Cabra da Região Semi-Árida **o fotógrafo Rucker Vieira passou à direção.**

Surgem os Novos: João Ramiro Mello e Vladimir Carvalho

Depois de *Aruanda* e *Cajueiro Nordestino,* dois jovens cineastas paraibanos obtiveram recursos do INCE para realizar um documentário sôbre uma das festas populares do Estado da Paraíba: a festa de Nossa Senhora da Guia, para onde acorrem anualmente milhares de romeiros, vindos em saveiros e jangadas. Em planos rápidos e enquadramentos ousados, Vladimir Carvalho e João Ramiro Mello mostram em *Romeiros da Guia* (1962) o problema do misticismo. A fotografia traz a assinatura de Hans Batel e é uma das melhores saídas do cinema paraibano. O documentário trazia algumas inovações de montagem e procurava fugir ao discurso linear, pecado de quase todos os documentários da época. Nesse sentido, *Romeiros da Guia* adianta-se a *Aruanda,* que permanece prêso a uma estrutura discursiva baseada numa mensagem escolhida *a priori:* em *Romeiros da Guia* a mensagem vai se compondo paralelamente à linguagem do filme, o que descompromete a possível linearidade que pareça ter. *Romeiros da Guia* tem música de Pedro Santos, aliás o autor da partitura de *Aruanda,* de *Cajueiro Nordestino* e de *Salário da Morte.*

Depois de *Romeiros da Guia,* João Ramiro Mello veio para o Rio, onde começou a trabalhar como montador. Vladimir Carvalho andou pela Bahia, veio também para o Rio, onde foi assistente de Arnaldo Jabôr, de Eduardo Coutinho e de Olney São Paulo. Voltando à Paraíba, em meados de 67, Vladimir Carvalho começa a armar a produção de

O curto Aruanda **foi apontado como um dos deflagradores do Cinema Nôvo.**

Sertão do Rio do Peixe, documentário sôbre a colonização dessa importante região do interior paraibano. Com parcos recursos obtidos na Prefeitura de Souza, uma equipe mínima (êle próprio, o fotógrafo Manuel Clemente e, vez por outra, seu irmão Valter Carvalho), trabalhando em condições dificílimas (sabe-se que para filmar êle viajou de trem, de burro, a pé), Vladimir passou dois meses filmando seu documentário. Numa fazenda do interior, depara-se com uma rudimentar moenda de cana puxada a bois. Paralelamente às filmagens de *Sertão do Rio do Peixe,* realiza um documentário sôbre essa moenda e a produção de melado de rapadura: *A Bolandeira,* segundo definição do seu próprio autor, "uma odisséia do atraso" (num feliz paralelo com o ato de rodar desenvolvido pela bolandeira/estação orbital de *2001: Uma Odisséia no Espaço*).

Regressando à capital, Vladimir traz um excelente material filmado e, com alguma ajuda do Govêrno do Estado e recursos próprios, veio para o Rio montar os dois filmes. Exibidos na Cinemateca do MAM e no Museu da Imagem e do Som, os dois documentários entusiasmam a crítica. Êsse entusiasmo não é infundado, pois, em seguida, no Festival de Manaus, Vladimir recebe o prêmio de melhor direção de curta-metragem por *A Bolandeira.* Em Brasília, outro prêmio: o do Cineclube de Brasília (dividido com outro filme paraibano, *Os Homens do Caranguejo,* de Ipojuca Pontes), o que evidencia ainda mais o talento e a garra de seu autor. Quanto ao *Sertão do Rio do Peixe,* resta dizer que sofreu uma alteração estrutural, para a qual foram exigidas novas filmagens, realizadas em meados do ano passado.

Atualmente, Vladimir Carvalho dirige o Departamento de Cinema do Instituto Central de Artes da Universidade de Brasília, onde desenvolve as funções de professor. Entusiasta do documentário, Vladimir espera fazer, lá, uma escola-modêlo nesse gênero.

Os Homens do Caranguejo: Ipojuca Pontes

Da mesma geração de Vladimir, Ipojucá Pontes, ex-jornalista, ex-produtor de rádio e televisão, ex-crítico de cinema, profundo conhecedor da cultura popular de sua região, figura como um dos mais importantes cineastas paraibanos. Antes de realizar seus próprios filmes, trabalhou como co-roteirista e assistente de direção de *A Cabra da Região Semi-Árida,* de Rucker Vieira, e ainda numa adaptação de *A Compadecida,* filmada mais tarde por George Jonas.

Também com mínimos recursos, conseguidos graças aos produtores Virginius da Gama e Melo e Marcus Odilon Ribeiro Coutinho, Ipojuca Pontes fêz *Os Homens do Caranguejo,* documentário crítico e bem feito sôbre as atividades dos homens de Livramento, povoado próximo a João Pessoa, cuja economia depende da pesca dos caranguejos existentes nos mangues que circundam a região. Vladimir Carvalho colaborou na pesquisa e no roteiro da fita, que tem fotografia em prêto-e-branco e em 35 mm de Rucker Vieira.

No Festival de Brasília de 1969, *Os Homens do Caranguejo* recebeu três prêmios, entre os quais o do O.G.I.C e o oferecido pelo INC, sendo êste último um financiamento que possibilitou a Ipojuca Pontes a realização de velho projeto seu: um documentário sôbre a poética popular nordestina. *A Poética Popular* é um estudo bem feito sôbre as diversas formas da poesia nordestina, tanto oral (com os cantadores de ganzá, de rabeca e de viola) como escrita (o filme mostra o processo de edição de um folheto de cordel, numa editôra de Juàzeiro). O autor de *Os Homens do Caranguejo* e de *Poética Popular* prepara atualmente o roteiro de um filme de ficção, em longa-metragem, baseado numa história da literatura de cordel, *O Valente Vilela,* que espera filmar êste ano.

Acabados e Incompletos

Os trabalhos de Vladimir Carvalho, Linduarte Noronha e Ipojuca Pontes, embora conhecidos e divulgados, não são porém os únicos realizados na Paraíba. A despeito de inegàvelmente mais importante, do ponto-de-vista cultural, a ação dêstes cineastas não invalida o movimento ainda desconhecido de muita gente que, na província, empreende uma constante atividade cinematográfica. Para citar alguns novos valôres, cujos filmes ainda não tiveram *chance* de figurar no pequeno mercado curta-metragista, viriam logo à mente os nomes de Virginius da Gama e Mello, Machado Bittencourt e Paulo Melo, havendo outros com fitas em projeto.

Virginius da Gama e Melo, crítico literário e grande incentivador do movimen cinematográfico paraibano, é autor de um curta-metragem, mudo, *Contraponto Sem Música,* com fotografia de Machado Bittencourt e assistência de Paulo Melo. Poucas vêzes exibido, *Contraponto Sem Música* é considerado pelo autor um trabalho experimental, o que lhe poderia conferir a natureza de "obra inacabada".

Paraíba, Pra Seu Govêrno é o título do filme que Paulo Melo dirigiu para a Paraíba Produções Cinematográficas Ltda. Da mesma geração de Ipojuca e Vladimir, Paulo Melo foi assistente de Walter Lima Jr. e Rui Santos, além de ter colaborado em quase todos os filmes paraibanos e de ter exercido a crítica

cinematográfica diária num dos jornais da capital. Atualmente, espera financiamento para iniciar as filmagens de *O Quadro Negro,* argumento baseado no romance homônimo de Ernâni Sátiro. *Paraíba, Pra Seu Govêrno,* embora filme publicitário, não compromete a qualidade do trabalho do diretor.

Campina Grande é o "faz-tudo" da Paraíba. Famosa por ter um parque fabril que vive de imitações (em Campina Grande fabricam-se revólveres "Taurus" e lâminas "Gilette" com perfeição absoluta), não era de admirar que aí fôsse fabricada uma lente cinemascope, com a qual o fotógrafo Machado Bittencourt realizou *A Feira.* Êste filme, apesar de seu trabalho fotográfico regular, é comprometido pela falta de criatividade do roteiro, voltado ao pitoresco e ao folclórico.

Se estas películas conseguiram ser concluídas graças à pertinácia e ao trabalho incessante de seus diretores, outras, infelizmente, não chegaram sequer à sala de montagem. Cumpre registrar, porém, o esfôrço de entusiastas como Carlos Aranha (autor do inacabado *Libertação,* que teve início em 1966, e de *Giranda,* vítima da mesma sorte), João Córdula (que poderia ter feito de seu *Curral de Peixe* um filme expressivo, se houvesse recursos suficientes), Silvio Rolin (o "menino de engenho", que não finalizou o seu *Prelúdio no Silêncio*) e Barreto Neto (com um delicioso filme de ficção em curta-metragem, *Uma Aventura Capitalista,* faltando montagem e sonorização).

Inacabados ainda, mas em fase de conclusão, acham-se os filmes de Jurandy Moura, Valter Carvalho e Otacílio Cartaxo Filho. A fita do primeiro é um documentário sôbre o *Padre Zé,* popular figura paraibana, com fotografia de Manuel Clemente. Pelo muito que o tema tem a oferecer e pelo talento do diretor, o filme é aguardado com ansiedade. Já Válter Carvalho, irmão de Vladimir, rodou na Bahia um documentário sôbre a obra de Caetano Veloso e Gilberto Gil, mostrando aspectos inéditos da vida dos iniciadores do Tropicalismo. O terceiro filme em fase de acabamento é *Frei Damião,* de Otacílio Cartaxo Filho. Apesar de já existir o significativo documentário de Paulo Gil Soares *(Memória do Cangaço)* acêrca do mesmo tema, a impressão geral é de que a película de Otacílio exibe aspectos do assunto ainda inabordados, por ser enriquecida com sua vivência de nordestino e de conhecedor das atividades místicas de Frei Damião em terras no NE. Êste filme, em som direto, apresenta fotografia de Machado Bittencourt.

Conclusão

Não há conclusão, mas evolução. Necessário ressaltar a existência de tôda uma geração paraibana a fazer cinema, embora incipiente. Alguns são bem sucedidos, outros não conseguem o mínimo financiamento indispensável para levar adiante o que iniciaram. Enquanto não houver um sistema regular de produção — mesmo em caráter regional — que possibilite o trabalho dessa geração, não existirá cinema paraibano. Mesmo sem sugerir a ingenuidade de um pronto e imediato estabelecimento de uma "indústria" cinematográfica na Paraíba ,torna-se urgente — parta de onde partir, da iniciativa privada ou estatal — a implantação de um esquema de produção, por mínimo que seja, destinado a movimentar a atividade cinematográfica da província, não sòmente criando condições para a conclusão dos filmes iniciados, mas também incentivando a produção de novas películas. Por enquanto, existe apenas um grupo de jovens cineastas empenhados na tarefa de fazer cinema com uma câmara na mão, uma idéia na cabeça e (em geral) uma barreira à sua frente.

A mini-equipe de Sertão:**Vladimir (esq.) e Manuel Clemente.**